



Em Defesa do Património Nacional

Narrativa de um longo percurso no tempo III

António Lourenço
Sócio Fundador e Honorário da A.P.C.S.E.

O REGRESSO ÀS ORIGENS – ANOS 60

Com a idade de catorze anos fui trabalhar para um armazém de tecidos, de uma fábrica de lanifícios, situada em Gouveia, onde permaneci cerca de três décadas.

Fiz o serviço militar dos vinte aos vinte e dois anos, findo o qual pensei em constituir família o que aconteceu quando já tinha vinte e três anos. Por entender que possuía condições e espaço razoável, anexo à minha recente moradia, onde podia, eventualmente, ficar instalado um canil, fiz questão em adquirir um cão da Serra, algum tempo depois, indiferente a ser macho ou fêmea, concretizando, deste modo, um sonho que alimentava desde criança.

Naquele tempo, pois entretanto se passou meio século, existia um número razoável de pastores, nesta encosta norte da serra, possuidores de bons exemplares para a guarda dos seus rebanhos e para lhes fazerem companhia e defesa.

Nenhuma cadela era, supostamente, coberta por um qualquer cão. Era de um modo geral coberta por um macho corpulento, o qual não permitia a aproximação de outros caninos inferiores. Existia, no tempo, um natural equilíbrio de machos e fêmeas de grande qualidade e porte que permitia uma grande diversidade de géneses destes animais.

Conhecia muito bem as gentes ligadas à pastorícia, a sua honradez e palavra o que me facilitava os contactos e a possibilidade de saber onde poderia encontrar uma cadela de confiança que estivesse parida ou prestes a parir. Num fim de tarde, de um dia de Outono agradavelmente passado, deparei com um rebanho de ovelhas e verifiquei que na sua retaguarda seguia uma cadela de um pardo escuro lindíssimo, evidenciando sinais de se encontrar prenhe. Sem perder tempo dirigi-me ao pastor perguntando-lhe quanto tempo faltava para a cadela parir. Respondeu-me que estava para breve. Porque o assunto era muito importante para mim e porque eu fiquei fascinado pelo bonito exemplar, achei que não devia adiar por mais tempo uma conversa séria com o pastor.

Perguntei-lhe se me poderia ceder um cachorro e após a sua anuência pedi-lhe para me reservar um. Sabia que aos pastores não lhes convinha deixar mais do que dois a três cachorros por ninhada, para não prejudicarem a cadela. Era um comportamento normal, mas em algumas circunstâncias especiais alteravam esse procedimento deixando mais um

exemplar para satisfazer um pedido de alguém amigo. Sabendo que estava a tratar com um homem de palavra aguardei, serenamente, pelo aviso. Duas semanas após recebi a boa nova de que tinham nascido três machos e duas fêmeas, um número nada exagerado para um animal tão corpulento e que, facilmente, poderia alimentar mais algumas crias. Dirigi-me, novamente, ao pastor e pedi-lhe para me reservar todos os recém-nascidos. Como um macho já estava prometido a um colega de profissão, reservou-me os outros quatro. Claro que foi para mim uma grande satisfação saber que podia contar com quatro lindos animais. Confiámos na palavra e não falámos de verbas. Quando duas semanas depois fui apreciar os animais e concretizar o negócio, foi-me dado conta que uma fêmea tinha sumido, sem deixar rasto. Fiquei triste pela notícia. Adquiri então os outros três, dois machos e uma fêmea por cinquenta escudos cada macho e quarenta escudos a fêmea. Muito precocemente vieram para a minha posse. Tinham apenas cinco semanas e tive que pensar na melhor forma de os tratar. Vi-me na necessidade de adquirir uma cabra, recém parida, para os alimentar, pois sabia que o leite da cabra se assemelha ao leite da cadela. Foi um período extraordinário e uma vivência cheia de emoções e também uma nova experiência. Cedi um macho a um familiar quando atingiu três meses de idade e fiquei com um lindo casal de pelo médio que teve uma vida prolongada. Eles foram progenitores de muitos e belos exemplares.



A partir desse momento iniciei um ciclo importante na minha vida. A minha entrega e dedicação à raça do Cão da Serra da Estrela foram por inteiro. Foi de tal modo o fascínio e o apego a esta raça que ainda hoje continuo encantado por os ver.

Por razões profissionais tive diversos contactos com pessoas do norte do país ligadas a quintas no Douro. Informava-os, sem esconder um pouco de vaidade, que tinha adquirido três cachorros de raça serrana muito bonitos e bons e que, eventualmente, poderia vir a ter

cachorrinhos fruto de acasalamentos com outros cães da mesma qualidade. Foi a comunicação boca a boca que ainda hoje é a melhor. Esta mensagem passou a ter eco e de um momento para o outro surgiu o primeiro pedido para arranjar um casal. Queria este senhor presentear um seu amigo, possuidor de uma quinta no Douro, com um casal de cachorros da Serra da Estrela, por saber que este seria o melhor presente para alguém que era um grande admirador das qualidades desta raça canina

É verdade que me surpreendeu tão rápida notícia e agradável pedido. Não dei tréguas às minhas horas de descanso e fui, imediatamente, procurar um pastor conhecido, que habitualmente se disponibilizava para dar algumas informações e que me pudesse dizer quem teria uma cadela parida ou prestes a parir. Seguindo as suas informações, facilmente encontrei o que desejava. Fui ao local indicado e vi uma cadela prenhe. Dirigi-me ao pastor e manifestei-lhe a minha vontade em adquirir toda a ninhada. O pastor deu a sua concordância desde que ela não fosse muito numerosa.

Acertado o compromisso da cedência fiquei na expectativa da informação. A ansiedade era grande. Posteriormente recebi a notícia do nascimento de quatro cachorros e que tudo estava a correr bem. Visitei a ninhada e verifiquei tratar-se de quatro animais muito bons. Fui buscá-los, precocemente, quando eles estavam apenas com cinco semanas para proceder ao desmame. Dando satisfação ao pedido feito enviei o casal para a Régua. A sua chegada provocou um grande sucesso e o delírio do destinatário que ficou deslumbrado com a excelência da oferta e com a excelente qualidade dos animais. Foi o princípio de uma nova actividade, uma maior dedicação e a uma entrega sem limites.



Nesse tempo o pastoreio estava em pujança o que era sinónimo da existência de muitos cães de óptima qualidade. Tive a oportunidade de conversar com muitos pastores e trocar com eles muitas opiniões e colher muitos ensinamentos.

Por coincidência, em determinada altura alguém me fez chegar um recorte de um jornal diário do Porto onde se publicava um pequeno anúncio com o seguinte tema: “Centro de Reprodução de Cães da Serra da Estrela – Manteigas, vende cães da Serra”.

Título inventado?!...

Procurei investigar pessoalmente e estabeleci alguns contactos para a sua localização, mas em vão. Mais tarde recebi um postal assinado por J. Leitão que entre outros detalhes me dava conta que um cachorro com dois meses de idade custava cinquenta escudos, o equivalente a vinte e cinco cêntimos. A narração desta pequena história, ou informação não serve para outra coisa senão estabelecer a comparação entre o nível e os preços de ontem e os de hoje.

Esta narrativa terá seguimento em próximas publicações.